

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA  
DO RIO DE JANEIRO



**Ariel Portes da Rosa Nascimento**

**Entre os Versos e a Enxada:  
o romance ibérico na voz de Dona Militana**

Monografia apresentada como exigência do Departamento de História da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro para obtenção do título de Licenciado em História.

Orientadora: Prof. Dra. Crislayne Gloss Marão  
Alfagali

Coorientador: Prof. Dr. João de A. D. Duarte

Rio de Janeiro  
Dezembro de 2022



## RESUMO

O presente trabalho analisará o lugar ocupado pelo romance ibérico, de origem medieval, no cotidiano imagético e cultural de trabalhadores rurais do Nordeste brasileiro na segunda metade do século XX, partindo da trajetória de vida e repertório musical de Dona Militana Salustrino do Nascimento. Lavradora de origem potiguar, natural do Rio Grande do Norte, Dona Militana foi uma cantora, trovadora e romanceira brasileira que, durante o trabalho na lavoura, aprendeu a versar e memorizar histórias com seu pai. Algumas dessas narrativas datam do século XIII e chegam a ter mais de 700 anos. Desse modo, o trabalho buscará compreender como esses romances, originalmente educativos e moralizantes, inicialmente vinculados à Península Ibérica medieval, assumem novas funções no cotidiano rural do Brasil do século XX após inúmeras reconfigurações. Neste sentido, o trabalho visa evidenciar o protagonismo e autoria de Dona Militana na (re)elaboração dessas narrativas, comparando suas versões com outras variantes existentes dos mesmos romances.

**Palavras-chave:** Dona Militana; Mundo do Trabalho; Romance Ibérico; Trabalhadores Rurais; Trovas Medievais.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	4
1. Apresentação do tema pesquisa.....	4
2. Fontes e metodologias.....	5
3. Percorso investigativo.....	6
<b>I. REVISANDO OS ESTUDOS: O ROMANCE IBÉRICO NA VOZ DOS PESQUISADORES</b> .....	8
1.1 Os folcloristas e o romance ibérico.....	8
1.2 Romanceiro Ibérico e Romanceiro do Brasil: uma diferenciação a ser explorada.....	11
1.3. Entre coletas e transcrições: a metodologia de Gurgel.....	13
1.4 Pelos meandros da memória: a busca de novos sentidos para o romance ibérico.....	16
<b>II. OS CAMINHOS DA TRAJETÓRIA: REGISTRANDO VIVÊNCIAS NO CAMPO HISTORIOGRÁFICO</b> .....	19
2.1. Pensando trajetórias individuais.....	19
2.2. Seria a biografia uma ilusão?.....	21
2.3. Os modelos biográficos no campo historiográfico.....	25
<b>III. UMA VIDA ENTRE VERSOS</b> .....	28
3.1. Os versos no roçado: as memórias de trabalho de D. Militana.....	28
3.2. Entre versos e vivências: o papel dos romances na experiência cotidiana individual.....	30
3.3. Uma vida traçada em versos: o letramento oral de D.Militana.....	33
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	35
<b>BIBLIOGRAFIA</b> .....	37

## INTRODUÇÃO

### 1. Apresentação do tema de pesquisa

O Romance Ibérico foi uma forma de produção poética amplamente difundida entre os séculos XII e XV na Península Ibérica. Diretamente ligado às trovas medievais de caráter pedagógico, os romances transmitiam virtudes morais através de suas narrativas. Valores como honra, coragem, nobreza e castidade eram elementos sempre centrais nessas histórias amplamente consumidas na península. Tais romances possuíam temáticas distintas, podiam ir desde romances históricos, que giravam em torno de fatos e personagens da história local, até histórias de amor vinculadas aos costumes domésticos do cotidiano.

Com a expansão marítima ibérica esses romances chegaram até às Américas, sobretudo ao Brasil, por meio da tradição oral. As travessias atlânticas ampliaram o espaço de circulação dessas narrativas que antes estavam circunscritas à pequena região peninsular. No Nordeste do Brasil, principal área de ocupação e exploração portuguesa entre os séculos XVII e XVIII, esses romances foram rapidamente assimilados à realidade local. Através da circulação oral e mnemônica, os romances foram transmitidos de geração para geração e estão presentes até hoje na região, principalmente na memória de lavadeiras, rendeiras, ganhadeiras, agricultores e pescadores locais. Boa parte desses indivíduos, de origem indígena ou africana, incorporaram o romance ibérico ao seu repertório imagético e cultural.

O que se pretende investigar aqui é a presença do romance ibérico no repertório desses trabalhadores rurais do Nordeste Brasileiro na segunda metade do século XX. Para tal, se utilizará como base a vida e a obra de Dona Militana Salustino do Nascimento (1925-2010), uma lavradora de origem Potiguar, natural do Rio Grande do Norte. Dona Militana se tornou romanceira após aprender com seu pai, durante o trabalho na roça, a versar e memorizar histórias. Ela gravou, ainda em vida, em 2003, uma discografia com 54 romances que fizeram parte de sua trajetória de vida e que ilustram as vivências de sua comunidade<sup>1</sup>.

É partindo dessa discografia, mais precisamente de cinco dos vários romances de origem ibérica gravados, que o trabalho caminhará para compreender o lugar

---

<sup>1</sup> SALUSTINO, Militana. *Cantares*. [Registro sonoro]. [S.I.]: Nação Potiguar, 2000. 3 discos compactos (CD's).

dessas histórias dentro do repertório de Dona Militana e de sua comunidade potiguar. Neste sentido, este trabalho buscará entender como esses romances originalmente pedagógicos, que dentro do continente europeu visavam educar e moralizar seus ouvintes, assumem novas funções no cotidiano rural contemporâneo. Além disso, o trabalho também investigará qual a relação desses romances com o próprio mundo do trabalho, uma vez que essas histórias permanecem vivas majoritariamente na memória de trabalhadores rurais e, não por caso, foi com seu pai, empunhando a enxada no roçado, que Dona Militana aprendeu a versá-los quando era criança.

## 2. Fontes e Metodologias

Serão utilizados dois conjuntos distintos de fontes para o desenvolvimento deste texto. O primeiro conjunto consiste na discografia musical gravada ainda em vida por Dona Militana. Do disco musical *Cantares*<sup>2</sup> serão extraídos cinco romances que servirão de base para a pesquisa: *Romance de Alzira*, *Romance de Dona Branca*, *Romance da Bela Infanta*, *Nau Caterineta* e *Romance de Reis Afonso*. Além das trovas serão utilizadas entrevistas e relatos pessoais deixados por Dona Militana através de registros orais feitos por outros pesquisadores, dentre eles a entrevista realizada por Edilberto Cleuton dos Santos (UFRN)<sup>3</sup> em sua dissertação de mestrado. O cruzamento entre romances e entrevistas visa estabelecer contatos entre a vida cotidiana da personagem e sua produção artística. Neste sentido, se utilizará como referencial metodológico a obra *Usos e Abusos da História Oral*<sup>4</sup>, na qual textos diversos apontam como a oralidade deve ser estudada partindo do contexto no qual ela foi produzida, considerando sempre as perspectivas e mentalidades daqueles que a produziram, bem como seus consequentes usos. Aliado a isso, também serão relevantes as contribuições de *O Manual de História Oral*<sup>5</sup> no que se refere aos procedimentos necessários ao trabalho com fontes orais.

---

<sup>2</sup> Ibidem. Faixas 2. 6. 7. 21. 26. Disponível em:

<<https://nacopotiguar.bandcamp.com/album/cantares> >

<sup>3</sup> Entrevista concedida ao pesquisador Edilberto Cleuton dos Santos (UFRN). In: SANTOS, Edilberto Cleuton dos. *Uma história de vida e uma vida de histórias: memória e oralidade no Romanceiro de Dona Militana*. 2009. 124 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada; Literatura Comparada) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2009.

<sup>4</sup> ERREIRA, M. M.; AMADO, J. (Org.). *Usos e Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

<sup>5</sup> ALBERTI, V. *Manual de história oral*. 2. ed. revisada e atualizada. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

O segundo conjunto de fontes que será utilizado está associado ao procedimento comparativo entre os romances de Dona Militana e outras versões transcritas do romance ibérico encontradas na península, em Portugal e Espanha. As versões peninsulares estão disponíveis na base de dados do *Arquivo do Romancero Português*<sup>6</sup>, onde é possível encontrar versões de *Nau Catarineta*, *Romance de Reis Afonso e Dona Branca/ Blancaniña*; e no *Archivo Digital Del Romancero*<sup>7</sup>, da Fundación Ramón Menéndez Pidal, na Espanha. Neste sentido, para operar com tais fontes, se utilizará como referencial metodológico a obra *Corre Manuscrito: una historia cultural del siglo de oro*<sup>8</sup> na qual é investigada a circulação de manuscritos em Portugal e Espanha entre os séculos XVI e XVII através do cruzamento de dados e fontes diversas. Além disso, também será utilizada a obra *História Comparada*<sup>9</sup> acerca de como desenvolver um trabalho comparativo entre espaço-tempos distanciados dentro do campo historiográfico.

Desse modo o trabalho pretende se inserir dentro dos campos de estudo da História Social – evidenciando a importância da obra de Dona Militana e sua trajetória de vida na compreensão do cotidiano de trabalhadores rurais – e da História Cultural – destacando o lugar do romance ibérico na constituição de identidades e costumes dos dois lados do atlântico. Neste sentido, será utilizado como referencial teórico a produção do historiador britânico E. P. Thompson<sup>10</sup>. Ao explorar os costumes do proletariado inglês, o autor evidencia como as práticas culturais estão associadas a identidade de um determinado grupo. Desse modo, propondo uma “história vista de baixo” e destacando o protagonismo de figuras deixadas à margem dos processos históricos, este trabalho visa compreender determinadas experiências sociais partindo de aspectos culturais cotidianos.

### 3. Percorso investigativo

---

<sup>6</sup> Disponível para consulta: < <https://arquivo.romanceiro.pt/> > Acessado em: 29/05/2021

<sup>7</sup> Disponível para consulta:

<<https://fundacionramonmenendezpidal.org/archivodigital/index.php/users/login>> Acessado em: 29/05/2022.

<sup>8</sup> BOUZA ÁLVAREZ, Fernando. *Corre manuscrito: Una historia cultural del Siglo de Oro*. Madrid: Marcial Pons, 2001.

<sup>9</sup> BARROS, José D’ Assunção. *História Comparada*. Petrópolis: Editora Vozes, 2014.

<sup>10</sup> THOMPSON, E.P. *Costumes em Comum: estudos sobre a cultura popular tradicional*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

O presente trabalho conta com três capítulos distintos que objetivam investigar o romance ibérico na voz de Dona Militana. No primeiro capítulo se realiza uma revisão de estudos pautada em compreender como o romance ibérico foi interpretado por outros pesquisadores nas últimas décadas, principalmente pelos folcloristas. Neste sentido, será apresentada uma análise crítica dessa produção e de suas principais problemáticas. Para além dos folcloristas, também serão apresentados outros trabalhos mais recentes que contribuíram para o advento de um novo olhar sobre o romancelero no Brasil.

Feita a revisão bibliográfica sobre o tema, o segundo capítulo deste texto busca discutir sobre a ideia de “trajetória de vida”, tomando como partida o debate a cerca dos registros biográficos partindo de autores como Pierre Bourdieu, Giovanni Levi e Lígia Pereira. Tal debate é importante pois abre caminho para pensar os múltiplos significados implícitos na trajetória de D.Militana.

No terceiro e último capítulo será apresentada a trajetória vida de D.Militana e o lugar que sua figura ocupa dentro da comunidade potiguar. Também se discutirá como seus romances influenciaram e foram influenciados por suas experiências vividas. Aliado a isso, também será apresentada de forma mais detalhada a sua discografia musical e seus múltiplos significados: sociais, políticos e artísticos.

# 1. REVISANDO OS ESTUDOS: O ROMANCE IBÉRICO NA VOZ DOS PESQUISADORES

## 1.1. Os folcloristas e o romance ibérico

O romance ibérico foi estudado nas últimas décadas por muitos pesquisadores autodeclarados “folcloristas”, dentre eles Câmara Cascudo e Défilo Gurgel. O presente capítulo visa analisar os estudos já realizados sobre o romance ibérico no estado do Rio Grande do Norte, neste sentido, o nome que mais se destaca é o de Défilo Gurgel. Nascido em Areia Branca, em 1926, Gurgel bacharelou-se ainda jovem em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito de Natal. Mas foi tardiamente, nos anos 1970, que o advogado passou a estudar os costumes e manifestações culturais do Nordeste Brasileiro, principalmente de seu estado natal. Em sua atuação como folclorista, Gurgel foi professor da cadeira de Folclore Brasileiro na Universidade Federal do Rio Grande do Norte, presidiu a Comissão Norte-Rio-Grandense de Folclore e publicou diversos livros sobre as tradições locais de sua terra e sua gente.

O romance ibérico foi um dos principais objetos de estudo do pesquisador que tinha como principal fonte a tradição oral das comunidades potiguares. Segundo Gurgel, o romance ibérico é apenas uma das muitas faces do Romanceiro Popular Nordestino que se desenvolveu no Brasil desde o período colonial. No Rio Grande do Norte, os romances se perpetuaram na memória das rendeiras, lavradores e pescadores locais, os quais Gurgel conheceu e entrevistou por mais de vinte anos em suas incursões pelo interior do estado.

Percorrendo cidades como Alcaçus, São Gonçalo do Amarante, Pedro Velho e Seridó; o autor conheceu importantes personagens locais que, segundo ele, se revelaram grandes detentores de saberes da terra e baluartes de tradições. Dentre eles, se destacam figuras como D. Isabel Joaquina, D. Maria Antônia, Sr. Manoel da Joana e, principalmente, D. Militana Salustino do Nascimento. Ao longo de quarenta anos de trabalho, foram publicadas obras como *Danças Folclóricas do Rio Grande do Norte* (1982), *Romanceiro de Alcaçus* (1992), *Espaço e Tempo no Folclore Potiguar* (2001) e *O Reinado de Baltazar: teatro de João Redondo* (2008). Défilo Gurgel faleceu em 2012, às vésperas do lançamento de seu último livro:

*Romanceiro Potiguar* (2012). Nessa obra, Gurgel apresenta inúmeros romances divididos por gêneros, com grande destaque para os versos de Dona Militana.

O primeiro objetivo deste capítulo é se atentar mais detalhadamente ao trabalho de Gurgel partindo de duas de suas obras: *Romanceiro de Alcaçuz*<sup>11</sup> e *Romanceiro Potiguar*<sup>12</sup>. Tal procedimento é fundamental para compreender como o repertório de romances dos trabalhadores rurais, no qual o pesquisador se debruçava, foi recepcionado e é interpretado por ele e outros estudiosos depois dele. Neste sentido, antes de focalizar diretamente na vida e na obra de Dona Militana, é necessário compreender como o romance ibérico, de uma forma geral, está historicamente situado dentro dos estudos acadêmicos.

Do ponto de vista acadêmico, Gurgel dialogou e teve como principal referencial teórico os escritos de outro famoso folclorista natural do Rio Grande do Norte: Câmara Cascudo. É possível perceber como Gurgel não poupa elogios ao trabalho de Cascudo enquanto referencial teórico para o estudo do romanceiro no Brasil.

Luís da Câmara Cascudo, no Prefácio e Notas, aos "Contos e Cantos" de Sílvio Romero (Romero, 1954), dá, para usarmos uma expressão contemporânea, um verdadeiro banho de erudição, uma aula magistral, sobre o romanceiro tradicional [...] há um trabalho de Luís da Câmara Cascudo, "Flor de Romances Trágicos" (1982), no qual o ilustre folclorista enfoca a vida de quinze bandoleiros nordestinos [...] Roteiro fabuloso, para quem se aventura pelos caminhos do Romanceiro, no Brasil. (1992, p.10-12).

Câmara Cascudo, em sua obra *Dicionário do Folclore Brasileiro*<sup>13</sup>, ofereceu as bases do pensamento folclorista utilizado por inúmeros pesquisadores nas décadas seguintes. Ao catalogar variadas manifestações e denominá-las de "populares", Cascudo buscou traçar a própria identidade cultural do país. Muito influenciado por ele, Gurgel, que hoje é considerado o principal pesquisador do romanceiro nordestino potiguar, tentou alinhar o romance ibérico com a ideia de "folclore" e "cultura popular" empregadas por Cascudo. Obras como *Romanceiro de Alcaçuz* e *Romanceiro Potiguar* são fruto desse empenho.

---

<sup>11</sup> GURGEL, Deífilo. *Romanceiro de Alcaçuz*. Natal: UFRN/PROEX/Cooperativa Cultural. Ed. Universitária, 1992.

<sup>12</sup> Idem. *Romanceiro Potiguar*. Natal: Fundação José Augusto, 2012.

<sup>13</sup> CASCUDO, Luís da Câmara. *Dicionário do Folclore Brasileiro*. 11. ed. ilustrada. São Paulo: Global, 2002.

*O Romanceiro de Alcaçus* é resultado de uma pesquisa de sete anos, iniciada em 1985 e concluída em 1992, que coletou 294 versões de romances ibéricos no estado, sobre tudo na região de Alcaçus, ao Sul de Pirangi, à trinta quilômetros de Natal. Embora o livro seja curto, pouco mais de sessenta páginas, e boa parte dele seja dedicada à transcrição dos romances coletados, a introdução e a apresentação da obra trazem importantes considerações que ajudam a entender como o autor compreendia o romance ibérico. Algumas dessas considerações precisam ser investigadas e problematizadas.

Na visão do autor existem duas vertentes do romanceiro ibérico que podem ser observadas no contexto potiguar. A primeira delas trata-se da vertente tradicional que se manteve praticamente intacta com o passar do tempo e que ainda guarda todas as marcas peninsulares europeias. Para Gurgel, é um legado intacto da idade média.

Romanceiro é o universo de canções versificadas ou poemas musicados que a Idade Média nos legou, contando/cantando as gestas dos valentes, intrigas palacianas, descantes de amor. Vastíssimos poemas, no início, com o passar dos anos e dos séculos, foram sendo condensados e chegaram ao limiar da Idade Moderna [...] isolados no Brasil, mantiveram-se fiéis à sua mais longínqua tradição e tanto era a estima que lhes tinham os brasileiros que, iniciados os estudos sobre o Romanceiro, no século passado, romances houve que chegaram a ser recolhidos no Brasil, antes que o fossem em Portugal. ((1992, p.11).

A segunda vertente apresentada pelo autor parte da premissa que, uma vez inserido no Brasil, o romance ibérico deu origem a uma nova variante de caráter local e regional, fundamentada nas questões do cotidiano rural:

Em nosso País, a par dessa corrente tradicional de romances ibéricos, onde se contam as aventuras galantes e guerreiras da nobreza continental, surgiram novas formas romanceadas, inspiradas, particularmente, nas lides da pecuária: romances de bois, de barbatões indomáveis, cavalos misteriosos, vaqueiros destemidos. Outros, falando das aventuras de valentões sertanejos, Lucas da Feira, o Cabeleira, Zé do Vale e todos os que se agitam nas páginas de “Flor de Romances Trágicos”, de Luis da Câmara Cascudo. (1992, p.11)

O conjunto dessas várias vertentes constituem o cenário do romanceiro nacional para Gurgel. Porém, tal percepção precisa ser problematizada, uma vez que, é fundamental questionar a ideia de que a corrente tradicional, tida como peninsular, se manteve intacta ou que ela seja uma cópia estática da versão

peninsular medieval. Primeiramente, é preciso considerar que, mesmo antes de chegarem ao Brasil, esses romances já sofriam alterações dentro da Península Ibérica e a infinidade de versões disponíveis para um mesmo romance em Portugal e Espanha é prova disso. Ou seja, se nem mesmo na Península Ibérica, berço da vertente tradicional, os romances se mantinham fieis às versões do século XI e XII, é muito pouco provável que eles se mantivessem inalteráveis na voz dos trabalhadores potiguares do Nordeste brasileiro.

Neste sentido, embora as intrigas palacianas entre cavaleiros, donzelas e tiranos ainda sejam o centro das narrativas tradicionais difundida no Brasil, é necessário compreender que elas estão em constante ressignificação e assumindo novos sentidos dentro do cotidiano de seus receptores. Desse modo, tendo em conta que os romances de Dona Militana pertencem majoritariamente a essa vertente tradicional, se faz necessário compreender como ela e os demais trovadores se relacionavam com essas narrativas e quais os respectivos sentidos que atribuíam a elas. Tal procedimento será realizado no terceiro capítulo deste projeto.

## **1.2. Romanceiro Ibérico e Romanceiro do Brasil: uma diferenciação a ser explorada**

Já em *Romanceiro Potiguar*, por meio de uma breve introdução, Gurgel aprofunda ainda mais esta distinção entre uma suposta vertente tradicional e uma vertente regional dos romances, porém, faz isso com novas nomenclaturas: “Romanceiro Ibérico” e “Romanceiro do Brasil”. Entre a publicação de *Romanceiro de Alcaçus* e *Romanceiro Potiguar* há um espaço de vinte anos. Neste sentido é possível observar como o autor foi distanciando ao longo do tempo as duas vertentes apresentadas na primeira obra ao ponto de elas tornarem-se coisas distintas. Se no primeiro livro os diferentes romances resultavam em duas vertentes que formavam uma mesma produção, neste segundo livro cada vertente se torna uma categoria autônoma. Ou seja, Romanceiro Ibérico e Romanceiro do Brasil são compreendidos como modelos distintos de romance.

Essa divisão mais enfática reforça ainda mais o problema do suposto “legado medieval” que já estava presente na ideia de uma vertente tradicionalista. Ao compreender o Romanceiro Ibérico de forma extrínseca ao Romanceiro do Brasil, ignora-se que, embora os temas e ambientações das narrativas sejam realmente distintos, os portadores e receptores dessas histórias são os mesmos: os

trabalhadores potiguares. Neste sentido, mesmo sendo ambientado no passado medieval distante, o romance tradicional ibérico também é brasileiro e potiguar, uma vez que adquire significado e ressignificação no imaginário desses agentes locais.

Um exemplo disso, que pode ser observado nas transcrições do próprio Gurgel, é o romance *Paulina e Dom João*. Tal romance é considerado pelo autor a descoberta mais importante feita em suas incursões ao povoado durante sua pesquisa. Inédito no Brasil até então, o romance, mesmo sendo de caráter palaciano, possui três versões distintas na região – uma de D. Maria Aleixo, outra de D. Isabel Joaquina e uma terceira de Dona Militana. Essa pluralidade de versões locais questiona a ideia de que os romances ibéricos seriam estáticos e fieis à tradição peninsular. Outro fator interessante é que na versão de Dona Militana aparecem alguns elementos nacionais característicos da região:

não obstante todas as características que ele apresenta, de uma peça literária importada de Portugal, como autêntico romance ibérico palaciano, algumas estrofes do mesmo sugerem que ele pode ter sido composto no Brasil, por um dos nossos poetas de cordel (2012, p.25-26)

Embora Gurgel não aprofunde a questão, é inegável que a presença dos elementos locais dentro dessas narrativas tidas como “importadas de Portugal” já refuta o argumento do próprio autor no que se refere a existência de um suposto “legado medieval”. O romance *Paulina e Dom João*, mesmo de caráter palaciano, incorpora elementos narrativos da literatura de cordel local. Neste sentido, torna-se evidente o perigo de uma divisão entre Romanceiro Ibérico e Romanceiro do Brasil.

Outro exemplo dessa impossibilidade refere-se ao romance *O Milagre do Trigo*<sup>14</sup>, de caráter religioso, coletado por Gurgel junto a Dona Militana em 1991. O romance era inédito em língua portuguesa até então. Todas as demais versões existentes na península ibérica estavam em espanhol, inclusive aquelas disponíveis em Portugal. A existência dessa única versão em português, preservada justamente no Brasil, revela como as narrativas nunca são estáticas. Versos originalmente concebidos em castelhano foram, em algum momento do passado, traduzidos e ressignificados para o português e hoje existem apenas no Rio Grande do Norte. Neste sentido, partindo do pressuposto de que toda tradução carrega em si boa dose

---

<sup>14</sup> Romance transcrito por Gurgel na obra *Romanceiro Potiguar*, 2012.

de autoria, é impossível não considerar que, antes de ibéricos, os versos de *O Milagre do Trigo* são potiguares. Em outras palavras, os trovadores que memorizaram os romances ao longo de gerações também foram autores dos mesmos e, ao realizarem alterações, permitiram que os versos chegassem até os dias atuais, sendo sempre ressignificados por novos receptores.

Neste sentido, tornam-se úteis os estudos de Mikhail Bakhtin sobre a ideia de autoria compartilhada. Bakhtin, ainda na primeira metade do século XX, em sua obra *Estética da criação verbal*<sup>15</sup>, não compreendia a autoria como uma ação individual. Para ele um relato oral está sempre sujeito as questões socioculturais dos interlocutores que recepcionam e se apropriam desse relato. Os agentes que guardam e ressignificam uma determinada narrativa são também os autores que propiciam a contínua circulação e manutenção desse mesmo discurso no tempo e no espaço. Desse modo, é possível observar inúmeras versões diferentes de uma mesma história em vários períodos e locais distintos. Longe de representar um empecilho, essa multiplicidade de vozes torna-se bastante útil à pesquisa histórica, uma vez que por meio delas é possível identificar questões políticas, econômicas e sociais oriundas das realidades desses vários receptores.

Partindo dessa contribuição de Bakhtin, torna-se necessário analisar o romance ibérico a partir de uma perspectiva comparada, destacando as proximidades e distinções entre os romances de Dona Militana e outras versões já registradas do romance ibérico. Um procedimento comparativo à luz de Bakhtin será útil, não para apontar qual das versões é mais fiel ao romance ibérico medieval, mas sim para salientar a autoria de Dona Militana nas histórias que ela versava e, principalmente, evidenciar como as transformações narrativas realizadas por ela dizem muito sobre seu cotidiano e sobre sua comunidade.

### **1.3. Entre coletas e transcrições: a metodologia de Gurgel**

No levantamento realizado por Gurgel em *Romanceiro Potiguar*, são apresentados 207 “romances ibéricos” e 88 “romances brasileiros”. Ao grupo dos romances ibéricos pertencem os romances palacianos, acontecidos entre a nobreza europeia; pertencem também os romances religiosos ou sacros, que versam sobre a vida de Cristo e dos mártires do catolicismo; e os romances plebeus, focados em

---

<sup>15</sup> BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. 4. ed. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

personagens populares. Já ao grupo dos romances brasileiros pertencem os romances da pecuária, que versam sobre o cotidiano rural; os romances de cangaço, que relatam a vida e a morte de importantes figuras sertanejas; e os romances burlescos, que são encenados em teatros mambembes e circos.

Ao todo, foram registrados por Gurgel 120 romances palacianos, dentre eles *Juliana e Dom Jorge*, *O Ceguinho*, *O Conde Alberto*, *Dom Varão*, *Paulina e Dom João*; 59 romances religiosos, cujo os principais são o *Romance de São José*, *Romance de Santo Antônio* e *Romance de Santa Tereza*; e 28 romances plebeus, com destaque para *Antonino e o pavão do Mestre*. Entre os romances brasileiros foram registrados 28 sobre a pecuária e fauna nordestina, dentre eles *Boi-Surubim*, *Boi Espaço* e *Boi Misterioso*; 17 romances de cangaço com destaque para *Zé do Vale* e *Cabeleira*; e 33 romances burlescos, cujo os principais são *Crinaura*, *Madalena*, *Marido Infeliz* e *Menina do Baile*. Porém, mesmo com o esforço empregado por Gurgel, é muito difícil precisar modelos únicos para os romances, uma vez que, muitas vezes, as narrativas envolvem mais de uma temática.

Além disso, é necessário considerar que tais romances, fossem “ibéricos” ou “brasileiros”, muitas vezes eram reportados pelas mesmas testemunhas e, sendo assim, coexistiam dentro do mesmo imaginário. Dona Militana, por exemplo, versou para Gurgel tanto romances palacianos, tidos como tradicionais, quanto romances de cangaço, tidos como brasileiros. Essa coexistência de narrativas dentro de um mesmo repertório torna ainda mais complicada a separação de modelos proposta por Gurgel, uma vez que princesas e cavaleiros medievais da vertente tradicional coexistem com cangaceiros, santos, mártires e valentes sertanejos da vertente local. Nesse sentido, uma separação torna-se praticamente inviável.

A obra *Romanceiro Potiguar* é dedicada justamente a transcrição dos romances coletados e enquadrados dentro dessas duas categorias. Neste sentido, é necessário destacar o procedimento metodológico empregado pelo autor no seu trabalho de coletas:

Foram muitas as viagens, sessenta, ao todo. Foram muitas as fitas cassetes gravadas, cem fitas, no total. Foram muitas as pessoas entrevistadas, individual ou coletivamente, umas cem, sem contarmos aquelas que mesmo abordadas, deixaram de nos dar informações por timidez ou desinteresse. Foram muitas as decepções. Manhãs inteiras andando em vilas e povoados sem encontrar ninguém para nos informar nada do que queríamos saber, mas, em compensação, foram muitos os

deslumbramentos que tivemos, descobrindo, de repente, verdadeiros tesouros do nosso Romanceiro. (2012, p.25)

É necessário destacar que o trabalho realizado por Gurgel e muitos outros folcloristas, uma vez que estava fundamentado na coleta e na transcrição, não visava uma reflexão crítica e não buscava problematizar as narrativas e seus respectivos informantes, muito menos o contexto histórico social em que essas testemunhas estavam inseridas. Um dos objetivos do presente trabalho é justamente problematizar esse material coletado e questionar a divisão proposta entre romance ibérico e romance brasileiro, para tal, é necessário ir além das transcrições e compreender como tais narrativas se situam dentro da experiência cotidiana dos informantes de Gurgel, procedimento esse que será realizado mais adiante.

Em *Romanceiro de Alcaçus*, Gurgel até faz uma descrição etnográfica do povoado local e de seus habitantes, porém, tal ponto também precisa ser problematizado. O autor apresenta de forma sucinta os ofícios desempenhados por homens e mulheres, bem como os costumes e crenças vigentes nas comunidades potiguares. É destacado o importante papel local das rendeiras, tanto do ponto de vista econômico, quanto na preservação das tradições artesanais. As rendeiras constituem o principal grupo de informantes entrevistados no trabalho do autor, com destaque para D. Isabel Joaquina e D. Maria de Aleixo e, posteriormente, Dona Militana. Porém, mesmo suas informantes sendo mulheres, Gurgel pouco problematiza a questão do gênero em seus textos. Neste sentido, é necessário analisar de maneira mais profunda o lugar da mulher dentro dessas comunidades para, talvez assim, entender porque são elas as detentoras do verso e da palavra. Tal procedimento também será retomando mais a diante.

É importante destacar que o trabalho dos folcloristas foi de fundamental importância para a compreensão de alguns aspectos do romanceiro enquanto produção poética. Entretanto, no que se refere à dimensão histórica e social desses romances, os pesquisadores acabaram colocando à margem questões importantes, dentre elas, deixaram de refletir sobre como tais manifestações podem ser úteis à compreensão do cotidiano dos indivíduos que propiciaram a manutenção desses romances. Os folcloristas estavam mais focados em catalogar e analisar a forma dos romances dentro de uma perspectiva antropológica de cultura, do que problematizar o lugar dessas trovas dentro do dia a dia de seus versadores.

Mais do que evidenciar a presença de um legado europeu em território brasileiro sob um olhar culturalista, o estudo do romance ibérico deve considerar como esses romances se refletem na experiência de seus próprios receptores locais. Nesse sentido, sem ignorar a contribuição dos folcloristas no trabalho de levantamento e mapeamento desses romances no Brasil, é necessário ampliar a análise e, partindo de outros pressupostos, tentar compreender o romance ibérico para além da ideia generalista de “cultura popular”.

E. P. Thompson, ao explorar os costumes do proletariado inglês, evidencia como as práticas culturais estão associadas a identidade de um determinado grupo. Ao propor uma “história vista de baixo” que valoriza a perspectiva e o protagonismo de figuras deixadas à margem dos processos históricos, o historiador britânico destaca, em sua obra *Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional*<sup>16</sup>, como os costumes e hábitos desses agentes podem ser úteis na compreensão de suas experiências sociais. Thompson recusa a ideia de “cultura popular”, frequentemente apontada pelos “folcloristas” e comumente adotada pelos pesquisadores do romance ibérico. Segundo o autor, os costumes estão sempre sujeitos à mutabilidade do tempo e do espaço onde estão inseridos. Aliado a isso, Thompson parte do pressuposto de que a própria ideia de cultura é uma construção histórica cujo emprego exige cautela e reflexão.

Para Thompson, há uma definição de cultura como algo abstrato e deslocado da experiência. Por isso, os costumes devem ser compreendidos dentro dos contextos sociais onde estão inseridos e não como práticas atemporais e imutáveis. Assim sendo, o romance ibérico veiculado no nordeste do século XX tem mais a dizer sobre a vivência dos homens e mulheres que alocaram esses romances em seu cotidiano local, do que sobre a manutenção de uma “cultura” literária oriunda da Península Ibérica do século XII. Seguindo os passos Thompson, é necessário questionar a ideia estática de “cultura” deslocada da experiência dos indivíduos que protagonizaram as transformações e usos de seus costumes. Tal dimensão foi frequentemente ignorada pelos estudos folclóricos.

#### **1.4. Pelos meandros da memória: a busca de novos sentidos para o romance ibérico**

---

<sup>16</sup> THOMPSON, E.P. *Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

Nos últimos anos emergiram novos estudos sobre o romance ibérico partindo de abordagens mais complexas que buscam se distanciar do modelo folclorista fundamentado no registro e no catálogo. Neste sentido, é importante destacar alguns desses trabalhos recentes que, ao trazerem perspectivas bastante propícias e inovadoras, serão utilizados como referencial para o desenvolvimento do presente projeto. Tais trabalhos colocam os receptores do romance oral como centro da abordagem, destacando suas trajetórias de vida e problematizando a realidade na qual estavam inseridos.

O primeiro trabalho que merece destaque é a dissertação de mestrado *Uma História de Vida e Uma Vida de Histórias: memória e oralidade no romanceiro de Dona Militana*<sup>17</sup>, do linguista Edilberto Cleutom dos Santos. Neste primeiro caso, o autor busca explorar o significado sociocultural da emergência de Dona Militana para a cultura potiguar, neste sentido, Santos toma as lembranças dos romances e as memórias da trovadora como parte de um contexto social, e não como um legado estático de uma tradição ibérica. Ao explorar a relação entre memória individual e memória coletiva no tempo e no espaço, o autor destaca como os romances influenciaram na vida material e moral da comunidade e dos indivíduos inseridos nela. Segundo ele, existe um caráter coletivo inconsciente que impacta diretamente na memória individual. Desse modo, o autor defende que o repertório de Dona Militana é motivado tanto por razões individuais quanto por razões coletivas.

Assim sendo, diferente dos folcloristas, Santos não utiliza apenas os romances de Dona Militana como fonte de seu projeto, ele faz uso principalmente de entrevistas e depoimentos pessoais deixados pela trovadora. Assim, o autor explora as funções da oralidade para a formação da memória e identidade. Ao mesclar os romances com os depoimentos pessoais, o autor adentra no universo da interpretação dos símbolos e da busca por significados em uma vida privada. Desse modo, Santos foca diretamente na história de vida de Dona Militana e estabelece um paralelo interpretativo entre trajetória de vida individual e simbolismo cultural coletivo para, a partir daí, compreender como a trovadora constrói sua própria identidade. Para tal, o autor contrapõe a vida da trovadora com os enredos dos romances versados por ela afim de encontrar símbolos compartilhados entre ficção

---

<sup>17</sup> SANTOS, Edilberto Cleutom. *Uma História de Vida e Uma Vida de Histórias: memória e oralidade no romanceiro de Dona Militana*. 2009. Dissertação (mestrado em Estudos da Linguagem) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2009.

e realidade, bem como uma moral trágica que perpassasse as duas dimensões. Através desse procedimento comparativo, Santos busca semelhanças entre as experiências vividas por Dona Militana e o universo mítico que ela cantava nos romances.

Por último, outro trabalho que merece destaque é a pesquisa de Ana Medeiros e Eduardo Lopes, intitulada de *Música, Memória e Cultura: os romances medievais ibéricos na voz das rendeiras de alcaçuz*<sup>18</sup>. Embora o trabalho ainda atrele os romances a uma tradição medieval tal como os folcloristas, os autores inovam ao compreender como os romances podem ser analisados enquanto canções de trabalho inseridas no ofício laboral das rendeiras de Alcaçuz. Neste sentido os romances adquirem uma finalidade dentro do mundo do trabalho, uma vez que eram uma forma de marcar o tempo e o ritmo do serviço ao longo do dia. Desse modo, mais do que um significado moral ou semiótico investigado por Santos, os romances possuiriam, na visão desses autores, um sentido prático e funcional dentro da experiência laboral cotidiana das versadoras.

Ambos os trabalhos, embora partam de abordagens distintas, são bastante propícios para aprofundar o sentido do romance ibérico na experiência cotidiana dos trabalhadores potiguares. Entretanto, mesmo com a emergência de novas pesquisas, principalmente no campo da Antropologia e dos estudos literários, é curioso que o tema ainda seja tão pouco explorado dentro da produção historiográfica. Quando se pensa em História Social, seguindo a reflexão de Natalie Davis<sup>19</sup>, onde a perspectiva e agência de atores marginalizados é uma questão central, os costumes e saberes de tais agentes também não podem ser desconsiderados. Neste sentido as músicas, danças, jogos, festejos, ritos religiosos e outras formas de socialização devem ser aliados da historiografia na compreensão de questões políticas, econômicas e sociais do cotidiano desses mesmos agentes.

É nesse ponto que reside o principal objetivo deste projeto: evidenciar como o romance ibérico na voz de Dona Militana pode ser útil a compreensão da experiência histórica de sua gente, sobretudo no que se refere ao mundo do trabalho. Para tal, é necessário focar diretamente na história de vida de Militana Salustino do Nascimento, conhecendo os meandros de sua trajetória e os percalços de suas

---

<sup>18</sup> Medeiros, A.; LOPES, E. *Música, Memória e Cultura: os romances medievais ibéricos na voz das rendeiras de Alcaçuz*. UFG. Goiânia, v. 19, 1-19, e-57154, 2019.

<sup>19</sup> DAVIS, Natalie Zemon. “*Las formas de la historia social*”. *Historia Social*, n.10, 1991, p.177-182.

experiências. O próximo capítulo deste trabalho abrirá caminho para tal procedimento buscando apresentar um debate sobre os usos de trajetórias de vida no campo historiográfico.

## 2. OS CAMINHOS DA TRAJETÓRIA: REGISTRANDO VIVÊNCIAS NO CAMPO HISTORIOGRÁFICO

### 2.1. Pensando trajetórias individuais

Antes de se atentar mais detidamente a vida de Dona Militana é necessário discutir como se reconstitui uma trajetória de vida a partir de fragmentos, tendo em vista as implicações que envolvem tal empreendimento e suas respectivas possibilidades. Desse modo o presente capítulo visa apresentar, partindo das recentes discussões em âmbito historiográfico, as possibilidades de trabalho com trajetórias de vida, principalmente no que se refere ao relato biográfico, visando embasar o procedimento que será empreendido mais adiante.

Lígia Pereira, em seu texto *Algumas reflexões sobre histórias de vida, biografias e autobiografias*<sup>20</sup>, compreende biografia, histórias de vida e autobiografias como três gêneros distintos que possuem em comum o foco nas trajetórias individuais. Tais gêneros, segundo ela, são marcados pela interdisciplinaridade, uma vez que se constituem para além do campo historiográfico, sempre em diálogo com outras disciplinas; sociologia, antropologia, literatura etc. Porém, os três gêneros são distintos no que se refere à maneira como a trajetória individual é apresentada. Compreender a diferenciação entre esses gêneros torna-se pertinente ao desenvolvimento deste trabalho, visto que o objetivo desta etapa é justamente compreender os meandros de uma trajetória individual.

Segunda a autora, uma autobiografia é o ato consciente de narrar sua própria existência, aqui é o próprio biografado que, ao narrar sua vida, controla os meios de registro. A história de vida, por sua vez, possui o intermédio de um pesquisador, trata-se de um trabalho coletivo no qual narrador e intérprete atuam em conjuntamente em diálogo. Já a biografia é o registro realizado integralmente por um terceiro, sem a presença do sujeito e cujo mediação reside nas fontes e documentos existentes sobre determinada trajetória. Esse terceiro gênero é o mais

---

<sup>20</sup> PEREIRA, Lígia Maria Leite. Algumas reflexões sobre histórias de vida, biografias e autobiografias. In: *História Oral e as tramas da subjetividade*, 2000, p. 117-27.

utilizado quando já não se pode mais ter acesso ao sujeito da trajetória, seja pelo fator temporal – quando o indivíduo não está mais vivo para narrar ao pesquisador – ou seja pela questão espacial – quando o sujeito está muito distante e o contato direto torna-se inviável. Para a autora o segundo gênero, por tratar-se de uma operação conjunta, é caminho mais frutífero para se traçar uma trajetória de vida, porém, nem sempre é possível seguir tal caminho tendo em vista as limitações já citadas. Nas palavras da autora:

Quando se trata de reconstituir a trajetória de alguém já falecido, temos de nos contentar com a documentação escrita e os depoentes que se encontram disponíveis, sem falar que nem sempre temos a sorte de nos depararmos com ricos arquivos pessoais. Há que se observar, inicialmente, que, se esta nova tendência nos coloca diante de uma grande variedade e riqueza de produção, vem marcada por grandes divergências de métodos e concepções. (1999, p.178)

No melhor dos cenários esse segundo modelo seria baseado no diálogo e na construção coletiva, porém, esse modelo também traz seus riscos, visto que o pesquisador deve ter expertise suficiente para saber conduzir o relato sem que isso signifique interferir de forma direta no que está sendo contado pelo sujeito indagado. O pesquisador deve deixar o sujeito livre para contar, não pode ficar interferindo ou fazendo perguntas que direcionem a fala do indivíduo. O sujeito não deve dizer o que o pesquisador quer ouvir, mas sim o que surge em sua mente a partir de suas próprias percepções. Após a coleta, cabe ao pesquisador filtrar e articular as informações coletadas, buscando uma ordenação funcional, tendo em mente que nenhum registro é integralmente fidedigno e que a memória dos indivíduos também é falha, lacunar e parcial. Desse modo, atuando como um mediador, o pesquisador exerce papel atuante no registro de uma trajetória e, por isso, deve estar sempre atento.

Existem alguns desses desse modelo de registro de trajetória envolvendo Dona Militana. O principal deles é o do pesquisador Edilberto dos Santos<sup>21</sup> que, em 2009, realizou um trabalho de coleta diretamente com Dona Militana para sua dissertação de mestrado. Esse trabalho possui enorme relevância para o desenvolvimento desta monografia e, tendo em vista a impossibilidade de

---

<sup>21</sup> SANTOS, Edilberto Cleuton dos. *Uma história de vida e uma vida de histórias: memória e oralidade no Romanceiro de Dona Militana*. 2009. 124 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada; Literatura Comparada) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2009.

estabelecer contato direto com Dona Militana nos dias de hoje, é uma importante referência enquanto registro de trajetória. Porém, tendo em vista impossibilidade de dar seguimento a esse segundo gênero de registro, visto que Dona Militana já faleceu, resta a esse trabalho seguir as trilhas do terceiro gênero apontado por Pereira: o biográfico. Sendo assim, é necessário se ater mais detida e especificamente nesse gênero de registro.

## 2.2. Seria a biografia uma ilusão?

Bourdieu em seu texto *A ilusão biográfica*<sup>22</sup> está olhando diretamente para o gênero biográfico, evidenciando seus respectivos limites e possibilidades, bem como as problemáticas que atravessam tal forma de registro. Bourdieu destaca que, quando os pesquisadores do universo científico passaram a considerar a trajetórias de vida de vida como fonte de pesquisa histórica, fizeram isso sem problematizar alguns aspectos importantes. Na definição do autor, uma vida é o conjunto de acontecimentos que constituem uma existência individual concebida como história dentro de um tempo e espaço determinado. Entretanto é preciso ter em mente que, contrariando o senso comum, uma vida não se configura como um caminho linear progressivo ou trajetória unidirecional determinada. Para o autor, compreender uma vida sob tal ótica, é abraçar uma percepção da filosofia da História fundamentada na sucessão de acontecimentos históricos encadeados de forma linear. Durante muito tempo foi baseado nesse modelo que se constituíram os relatos biográficos de trajetória de vida.

O autor questiona o fato de a vida ser compreendida e analisada como um todo coerente e orientado onde início, meio e fim são encadeados de forma cronológica e, constantemente teleológica. Prova disso, segundo Bourdieu, são os advérbios teleológicos geralmente presentes em biografias: “desde pequeno”, “já naquela época”, “sempre gostou” etc; como se as características, aptidões ou aspectos específicos do sujeito biografado fossem inerentes a ele desde o início até o fim da vida

Essa vida organizada como uma história transcorre, segundo uma ordem cronológica que também é uma ordem lógica, desde um começo, uma origem, no duplo sentido de ponto de partida, de início, mas também de princípio, de razão de

---

<sup>22</sup> BOURDIEU, P. L'illusion biographique. Actes de la Recherche en Sciences Sociales, Paris, n. 62/63, juin 1986.

ser, de causa primeira, até seu término, que também é um objetivo. O relato, seja ele biográfico ou auto- biográfico, como o do investigado que "se entrega" a um investigador, propõe acontecimentos que, sem terem se desenrolado sempre em sua estrita sucessão cronológica [...], tendem ou pretendem organizar-se em sequências ordenadas segundo relações inteligíveis (1986, p.184)

Neste sentido, o autor destaca que uma trajetória de vida narrada, na maioria das vezes, encontra-se fundamentada no desejo de atribuir sentido, através de uma lógica racional retrospectiva ou prospectiva, à vida do biografado. Entretanto, essa vida linear, causal, coerente e racionalmente estruturada é antes fruto, ainda que inconscientemente, de um trabalho de seleção realizado tanto pelos biografados que reportam quanto pelos biógrafos que registram. Trata-se, para Bourdieu, de uma criação artificial de sentido, produto da seleção de acontecimentos tidos como significativos estabelecidos de forma conectada e causal em prol de uma intenção global externa a eles, ou seja, em prol do próprio relato biográfico. Para o autor, conformar-se com essa visão da vida, como algo linear nutrido de significação e direcionamento, é o mesmo que conformar-se com uma ilusão retórica reforçada por uma tradição literária. Para o autor uma vida real é, antes de mais nada, descontínua, aleatória, imprevista e lacunar; bem distante da visão linear, totalizante e idealizada.

O autor destaca alguns elementos que configuram a individualidade humana no âmbito social, dentre eles o nome próprio. O "nome" determina a identidade do sujeito, porém, é necessário ter em mente que esse "nome" é socialmente construído e não se apresenta como uma característica inerente ao ser. O "nome" é sempre totalizante e imutável, porém o homem, ser biológico socialmente denominado, está sempre em mutação no tempo e no espaço. Desse modo, um "nome" não seria capaz de totalizar a abrangência da experiência humana. Nas palavras de Bourdieu o nome "só pode atestar a identidade da personalidade, como individualidade socialmente constituída, à custa de uma formidável abstração" (pag.187). Sendo o nome uma "formidável abstração" totalizante, forjada no campo social e incapaz de totalizar o ser humano múltiplo e mutável, ele não deve ser o fio condutor do relato biográfico. Outro elemento destacado pelo autor é a assinatura. Praticamente todos os registros oficiais e civis são acompanhados de assinatura. O ato de assinar autentica uma determinada identidade. Ao assinar, o sujeito atesta sua individualidade e se destaca dos demais em quanto um ser único e sua assinatura torna-se sua marca.

Para o autor o modelo relato biográfico geralmente se aproxima do modelo oficial institucionalizado pelo “nome” na esfera pública”. Nesse sentido, certidão de nascimento, carteira de identidade, currículo, biografia, autobiografia e demais registros do “eu” se assemelham, ambos são sustentados por uma noção forjada de identidade cujo objetivo é a apresentação pública desse “eu”. Assim, ao destacar a seriedade implícita em um registro biográfico, Bourdieu destaca as tensões entre “biografia oficial”, aquela autorizada pelo biografado, e a “biografia não oficial”, realizada sem determinada chancela. Mas o estatuto oficial de uma biografia, para além da autorização, refere-se também à suposta autenticidade dos fatos reportados e à apresentação da vida como história verídica. O autor destaca que essa “oficialidade” é problemática, uma vez que o relato autorizado na maioria das vezes está sujeito à orientação do biografado que se esforça para apresentar uma determinada imagem de si e de sua “história de vida”.

Bourdieu evidencia que a própria noção de “história de vida”, por si só, já é problemática. Na visão do autor, a ideia “história” traz implícita a noção de veracidade e linearidade de acontecimentos encadeados em linha reta, como alternativa apresenta a ideia de “trajetória”. “Trajetória de vida” seria um termo mais propício capaz de dar conta das diversas transformações e discontinuidades que marcam o caminho de um indivíduo. Tal caminho não é reto e nem pode ser percorrido à constância do sujeito, ele é múltiplo e suas várias possibilidades estão para além do controle do próprio indivíduo

Tentar compreender uma vida como uma série única e por si suficiente de acontecimentos sucessivos, sem outro vínculo que não a associação a um "sujeito" cuja constância certamente não é senão aquela de um nome próprio, é quase tão absurdo quanto tentar explicar a razão de um trajeto no metrô sem levar em conta a estrutura da rede, isto é, a matriz das relações objetivas entre as diferentes estações. (1986, p.189-190)

Desse modo, os acontecimentos de uma “trajetória de vida” não dependem apenas do sujeito, uma vez que esse indivíduo está inserido em determinado contexto temporalmente e espacialmente conectado a inúmeras redes – estruturas sociais, dinâmicas culturais, aspectos econômicos, religiosos etc - que, em medidas variadas, estão para além de sua subjetividade e influenciam em suas vivências e ações. Desse modo, a trajetória de um indivíduo não pode ser reduzida apenas aos aspectos micro de sua individualidade, deve levar e conta os elementos macro que

estão para além desse sujeito, mas que, ainda assim, influenciam em sua trajetória. Ou seja, a trajetória de vida de alguém não pode ser traçada sem considerar as redes que lhe estruturam na superfície social do tempo e do espaço.

Dialogando com Bourdieu, Giovanni Levi, em seu texto *Usos da biografia*,<sup>23</sup> destaca que a biografia nem sempre foi uma preocupação para os historiadores, ao contrário disso, durante muito tempo foi possível fazer abordagens históricas sem nenhuma preocupação com trajetórias individuais, da mesma forma que era possível narrar a vida de pessoas específicas sem levar em conta qualquer fato histórico, ou seja, História e biografia pertenciam a searas distintas. Tendo em conta o espaço que as narrativas biográficas vêm adquirindo dentro do campo da pesquisa histórica contemporânea, sobretudo na História Social, o autor destaca um papel ambíguo que as biografias podem ter, uma vez que podem ser tanto uma ferramenta para a pesquisa social, quanto uma forma de evitá-la.

Neste sentido, o autor destaca a relação entre história e narrativa pois, para ele, a biografia é sempre uma ponte entre a História e a Literatura, sobretudo no que se refere as técnicas argumentativas utilizadas por historiadores. A literatura oferece inúmeros modelos para um relato biográfico, porém, tais modelos nem sempre são compatíveis com o trabalho do historiador, visto que o pesquisador deve ter sempre uma determinada fonte como horizonte. Essa preocupação com as fontes e documentos do registro biográfico nem sempre são levadas em conta pela literatura. Ou seja, o historiador não é um romancista e, desse modo, deve olhar com cautela os modelos literários. As técnicas argumentativas literárias ganharam espaço a partir da revolução documental, observada na segunda metade do século XX, que ampliou o repertório de fontes utilizadas por historiadores. Tendo em vista as limitações das fontes escritas e a dificuldade de compreender aspectos da vida cotidiana partindo das fontes oficiais, os historiadores direcionaram seus olhares para novas modelos de fontes: registros orais, visuais, materiais etc.

Sendo assim, tendo em mente a revolução documental, o autor se questiona: é possível narrar a vida de um indivíduo? A resposta, como sempre, não é simples. Mesmo com a ampliação das fontes, é praticamente impossível reconstituir a vida de um indivíduo em sua integralidade, visto que uma trajetória é sempre lacunar. Tais lacunas representam o principal desafio aos historiadores que se aventuram no

---

<sup>23</sup> LEVI, G. Usos da biografia. In: FERREIRA, M. de M. & AMADO, J. (orgs.). Usos e Abusos da História Oral. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996.

estudo de trajetórias de vida individuais. Porém, existem outros desafios e, nesse ponto, o autor retoma o debate levantado por Bourdieu acerca da “ilusão biográfica” e destaca a importância de se pensar a “superfície social”, ou seja, os aspectos socioculturais situados no tempo e no espaço em que se insere determinado indivíduo biografado.

Tendo isso em mente o autor aponta para uma distinção entre o “personagem social” e a “percepção de si” que atravessam um indivíduo. A “percepção de si” seria a capacidade de todo ser humano se reconhecer como pessoa e indivíduo, já o “personagem social” seria essa individualidade construída historicamente e situada dentro de contextos e sociedades específicas. Nesse sentido é necessário ter em mente que a noção de identidade e individualidade não são dados inerentes ao ser, são construídos social e culturalmente e emergem a partir de contextos históricos específicos. Desse modo, ao operar com os conceitos de: individualidade, subjetividade, identidade etc; o pesquisador precisa ter em mente que tais definições não são atemporais, elas são, na verdade, fruto de uma experiência moderna de compreensão do homem e sua respectiva agência no mundo. Tal questão é central quando se pensa em trajetórias de vida individuais, uma vez que a própria noção de “vida individual” é historicamente construída. Além disso, pensar os limites desses conceitos também pode ajudar a compreender em que medida, consciente ou inconscientemente, os indivíduos se reconhecem enquanto sujeitos dentro dos grupos sociais nos quais se inserem.

### **2.3. Os modelos biográficos no campo historiográfico**

Levi apresenta uma tipologia das abordagens e modelos biográficas inseridos na historiografia nos últimos anos que buscam se opor ao modelo tradicional de biografia linear e factual. Ao apresentar tais modelos biográficos o autor não pretende apontar qual é o mais adequado ou propício a pesquisa histórica, mas sim destacar os vários caminhos possíveis de serem trilhados nesse campo de pesquisa. Vale lembrar que nenhum dos modelos é perfeito e todos possuem em alguma medida limitações, cabe ao pesquisador utilizá-los de maneira mais adequada, sabendo que se tratam de soluções parciais. Tais modelos serão apresentados aqui brevemente de modo a identificar como eles podem ser aplicados à trajetória de vida de Dona Militana e ao desenvolvimento deste trabalho.

O primeiro modelo é denominado de “biografia modal” e se refere às biografias que só despertam interesse dos pesquisadores quando personificam comportamentos e práticas ligados a condições sociais. Ou seja, trajetórias de vida que ilustram um determinado contexto social, assim, utilizam-se dados biográficos para fins prosopográficos. Nesse primeiro modelo, a trajetória individual só desperta interesse se possui um alcance amplo que evidencie um contexto social geral onde o indivíduo personifica uma coletividade. Levi destaca os riscos de tal modelo biográfico, visto que, ao tentar enxergar o todo a partir de um único indivíduo, reduz o conjunto social à homogeneidade e, além disso, reduz a própria trajetória de vida do biografado apenas aos pontos compartilhados socialmente. No fim, trata-se de uma abordagem dotada de determinismo. Nas palavras do autor:

Esse tipo de biografia, que poderíamos chamar de modal por quanto as biografias individuais só servem para ilustrar formas típicas de comportamento ou status, apresenta muitas analogias com a prosopografia: na verdade, a biografia não é, nesse caso, a de uma pessoa singular e sim a de um indivíduo que concentra todas as características de um grupo. Aliás, é prática corrente enunciar primeiro as normas e regras estruturais (estruturas familiares, mecanismos de transmissão de bens e de autoridade, formas de estratificação ou de mobilidade social etc.) antes de apresentar os exemplos modais que intervêm na demonstração a título de provas empíricas. (1989, p.175)

O segundo modelo apresentado por Levi refere-se a “biografia e contexto”. Nesse caso, diferente do primeiro, o foco reside na trajetória de vida propriamente dita sem desconsiderar as questões sociais, temporais e espaciais que formam o contexto do relato. Esse contexto é o que constitui a “superfície social” retomada por Levi e apresentada por Bourdieu. Nesse modelo biográfico a trajetória do indivíduo não é reduzida às estruturas sociais determinadas que condicionam vivências. O contexto é útil à compreensão das experiências e, embora seja um elemento fundamental, não se trata de um fator condicionante. O contexto também é útil para preencher as lacunas aparentes em determinadas trajetórias, uma vez que se torna possível intercambiar informações e realizar analogias entre indivíduos inseridos dentro desse mesmo contexto. Nesse caso, diferente do primeiro modelo, não há uma trajetória exemplar que ilustre uma coletividade, há trajetórias diversas e heterogêneas que compartilham um mesmo contexto, mas, de maneira alguma, são homogeneamente condicionadas por ele. Esse modelo, na visão de Levi, tem sido bastante propício uma vez que equilibra trajetórias individuais e sistemas

sociais. Entretanto, esse modelo pode se tornar um problema quando o contexto é representado como algo estático e imutável configurado apenas como plano de fundo da trajetória de vida.

O terceiro modelo é o da “biografia e os casos extremos”. Nesse caso, tal como no primeiro, as biografias são utilizadas para evidenciar o contexto. Porém, ela não mira a integralidade das estruturas sociais, mas sim aspectos específicos dessa totalidade, sejam eles culturais, econômicos, religiosos etc. Ou seja, as trajetórias de vida são utilizadas para compreender um determinado aspecto dessa sociedade na qual se inserem. É necessário ter em mente, segundo as palavras de Levi, que “as trajetórias individuais estão arraigadas em um contexto, mas não agem sobre ele, não o modificam” (LEVI, p.176), desse modo é problemático, tal como no primeiro modelo apresentado, utilizar trajetórias individuais como hipótese de leitura das estruturas sociais.

O quarto modelo apresentado por Levi, refere-se a “biografia e hermenêutica”, a biografia enquanto instrumento discursivo. Nesse caso não se busca uma natureza real do relato registrado, mas sim possíveis interpretações. Aqui o relato biográfico adquire inúmeros significados nutridos de relatividade. Segundo o autor, esse modelo carrega em sua gênese a própria impossibilidade de um registro biográfico concreto e, justamente por isso, trouxe contribuições a pesquisa historiográfica, visto que desconstrói a ideia de unidade, linearidade e objetividade das trajetórias de vida.

Apresentado esse panorama geral das discussões acerca dos registros de trajetória de vida, torna-se possível olhar diretamente para o caso de Dona Militana, buscando traçar sua biografia levando em conta as lacunas de sua trajetória, o contexto no qual ela atua e, principalmente, a “superfície social” na qual ela se insere. Para tal serão utilizados como fontes entrevistas dadas por Dona Militana, além de registros áudio visuais, tal como o documentário “*Dona Militana: a romanceira dos oiteiros*”<sup>24</sup>. Nesse sentido, busca-se destacar a trajetória de vida da personagem considerando, sobretudo, os aspectos sociais e culturais que permeiam essa trajetória pensada em três fases: infância, juventude e vida adulta. A ideia, a partir de agora, compreender cada uma dessas fases da vida de D. Militana

---

<sup>24</sup> DONA Militana: a romanceira dos oiteiros. Direção: Hermes Leal. Rotéiro: Hermes Leal. São Paulo: HL Filmes, 2010. Vídeo (19 min). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=JpPWFpzj9L4>>

partindo de relatos específicos deixados por ela, cruzando tais relatos com os aspectos da “superfície social” - tais como mundo do trabalho, religião e etc. Além disso, esses mesmos relatos também serão comparados a alguns romances versados, de modo a compreender como os romances influenciaram algumas experiências cotidianas vivenciadas por ela.

### 3. UMA VIDA ENTRE VERSOS

#### 3.1. Os versos no roçado: as memórias de trabalho de D. Militana

Militana Salustino do Nascimento nasceu em São Gonçalo do Amarante, no Rio Grande do Norte, no dia 19 de março de 1925. Militana era filha de Atanásio Salustino do Nascimento, um importante mestre trovador da região. Atanásio era agricultor e, além disso, era artesão. Além de cuidar do roçado, ele e sua família teciam cestos de palha que eram comercializados na região. Foi ajudando o pai na lida diária, junto com os irmãos, que Militana aprendeu os romances de origem medieval. Quando perguntada sobre como os romances entraram em sua vida, D. Militana responde:

Eu ia para o roçado mais papai. Era quem trabalhava no roçado mais ele era eu. Eu limpava de enxada, ele dizia: “você vai só tirar toco, só tirar moita”. Eu tirava moita, tirava moita e metia a enxada pra cima. Ele dizia: “Maria José desse tamanho já vai na minha frente”. Ele botava uma vagem no rio, ele plantava...e quem dava conta era eu, tanto pra limpar quanto pra trazer pra casa. Aí um dia o moedor caiu doente aí papai disse: “pronto, a mandioca tá paga e não tem quem vá moer”. Aí eu disse: “pois vambora moer”. Ele disse: “mas tu aguenta?”, eu disse: “mas eu aguento!”. Aí eu subi, que era um batente assim, ele pegou de um lado e eu peguei do outro. Eu disse; “canta papai”, ele disse: “eu vou já cantar, cante que eu te acompanho”. Aí eu cantei. O pai ia cantando e eu ia escutando e colocando no cérebro. (M. SALUSTINO, 2009).

Partindo desse relato pode-se perceber que a experiência do trabalho possui espaço central nas memórias de D.Militana. Sua vida, desde a infância, foi marcada pelo trabalho braçal e ela fala disso com bastante orgulho. É evidente que essa experiência de trabalho não pode ser romantizada pelo pesquisador que deve sempre ter em mente as desigualdades e conflitos sociais nos quais tais sujeitos estão inseridos. É importante ter em mente que, por ter começado a trabalhar muito cedo, D. Militana, tal como muitos outros brasileiros, não teve uma infância tradicional com acesso à educação formal e protegida dos perigos da vida adulta no seio familiar. É fundamental ter em mente que, como aponta Philippe Áries em seu texto *História Social da Criança e da Família*<sup>25</sup>, a própria noção de infância é uma

---

<sup>25</sup> ÀRIES, Philippe. *História Social da Criança e da Família*. Rio de Janeiro, Ed.Guanabara, 1986.

construção histórica moderna e muitos indivíduos, sobretudo das classes sociais menos abastardas, ainda nos dias de hoje não possuem acesso a ela. A ideia de uma infância lúdica e formal, na qual a criança não é vista como um adulto em miniatura, mas sim como um cidadão em desenvolvimento que depende de cuidados especiais, é recente e está longe de ser um consenso no cenário global, uma vez que nem todos possuem acesso a ela.

Nessa experiência de infância marcada pelo trabalho, D.Militana encontrou nos versos dos romances cantados por seu pai uma forma de tornar a lida mais suportável e, porque não, divertida. Como ela mesma destaca, pedia ao seu pai que cantasse enquanto trabalhasse: “*O pai ia cantando e eu ia escutando e colocando no cérebro*”. Existe um esforço por parte de D.Militana em memorizar as canções que escuta. É necessário pensar: trata-se esse de um esforço gratuito, ou a “brincadeira” de gravar versos possui uma razão clara? Ainda que inconscientemente, pela pouca idade, não estaria D.Militana reproduzindo uma estratégia utilizada por seus antepassados a muitas gerações? Tendo em vista que os romances passam de geração para geração na família de D.Militana, possível afirmar a existência de um padrão de transmissão que se consolida em torno da experiência do trabalho?

Para responder tais questões é necessário olhar para a superfície social na qual D.Militana estava inserida. Enquanto mulher negra e potiguar, é provável que a romanceira seja descendente de ex-escravizados potiguares que se estabeleceram na região. Quando se olha para a experiência do trabalho de forma mais ampla nas Américas, tal como faz Marta Abreu, é possível perceber que a prática memorizar versos e canções durante o tempo de trabalho não é um fenômeno isolado e pode ser observado em vários lugares distintos: Estados Unidos, Caribe, Brasil, México etc. Abreu destaca que essa prática era mais recorrente nos países marcados pela escravização e que os escravizados eram principais protagonistas dessa prática. Abreu defende que tal prática não era gratuita, muito pelo contrário, as “canções escravas” possuíam uma finalidade concreta na vivência de trabalhadores escravizados. Para a autora, as músicas eram uma forma dos trabalhadores controlarem seu próprio tempo de trabalho, ditando o curso das horas e planejando estratégias de trabalho.

Ao olhar para o nordeste brasileiro é possível observar inúmeros exemplos da manutenção dessas práticas que se fazem presentes ainda hoje na região. Um dos

exemplos que podem ilustrar essa questão são as ganhadeiras de Itapuã, da Lagoa do Abaeté, em Salvador. As ganhadeiras formam um grupo musical que, tal como D. Militana, entoam canções enquanto trabalham na lida diária. A tradição das ganhadeiras, tal como destaca Thiago Cruz<sup>26</sup>, tem sua origem na experiência de mulheres escravizadas que, ao longo do século XVIII e XIX, descobriram na música uma forma de articulação e resistência. Algumas ganhadeiras, partindo dessa articulação coletiva, conseguiam inclusive acumular pecúlio para comprar alforrias. As ganhadeiras, desse modo, encontraram nas canções de trabalho um caminho para a agência dentro de sua superfície social. A hipótese deste trabalho é que os antepassados de D. Militana Salustino, tal como as ganhadeiras, souberam fazer o mesmo, e a manutenção desses romances por tantas gerações seguidas na família Salustino é o que leva a crer nisso.

Porém, além dessa dimensão social mais ampla, é possível pensar outros papéis desempenhados pelo romance ibérico, sobretudo nas experiências individuais de D. Militana. Nesse sentido, é necessário ir além da hipótese que pensa os romances como um mecanismo de trabalho e tentar compreender em que medida os romances influenciaram as ações, comportamentos e percepções de mundo da travadora. Para isso é necessário analisar outros relatos de caráter mais íntimo e subjetivo.

### **3.2. Entre versos e vivências: o papel dos romances na experiência cotidiana individual**

Ao contar sobre sua juventude Militana descreve uma situação de violência sexual que testemunhou ainda moça quando sua irmã foi vítima de uma tentativa de estupro. Militana narra a cena e conta como agiu diante de tal situação:

Um dia gente fomo pro roçado...papai botava um roçado em Pomondé...Pomondé da lagoa, para lá. Quando dei fé minha irmã disse... “me solta Chico, pra onde tu tá me levando Chico?” eu olhei e o sujeito tava agarrado com ela e já ia subindo a roupa que ela tava usando. O que é que eu podia fazer? Aí eu fui em cima, uma navalha aqui, a faca aqui, aí eu fui cheguei peguei nos dois aqui, essas quatro unhas aqui eram deste tamanho [ela mostra o tamanho das unhas]. Aí sacolejei, sacudi e ele caiu dentro do carrasco e quando saiu foi encarnado de sangue. Aí veio pra

---

<sup>26</sup> CRUZ, Thiago Conceição. *Ganhadeiras de Itapuã: as formas de dizer de si*. 2009. 46 f. Monografia de Graduação apresentada à Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2009.

cima de mim e disse “agora eu vou matá-la”. Aí eu disse: “mate! Você mata a filha de um homem. Mata. Mata, Chico”. Daí só não fiz uma arte porque a noiva dele fez carreira, agarrou ele e saiu puxando para casa. (M. SALUSTINO, 2009).

Nesse relato D. Militana enfatiza a coragem que teve para agir contra o violador de sua irmã. Essa coragem, usada em prol da defesa da honra e da castidade, é descrita com orgulho por ela que faz questão de destacar que partiu para cima do sujeito sem pensar duas vezes, afinal, não poderia deixar sua irmã ser violada. Utilizando uma faca e uma navalha a jovem Militana feriu o sujeito e, após libertar sua irmã, ainda encarou o homem de frente sem temer as consequências. D. Militana segue descrevendo seu impulso de coragem e ousadia contra o criminoso:

A mãe dele morava pra banda daqui, tinha uma jaqueira pra colá. Ela disse pra ele: “onde tu vai assim avexado?” e ele disse: “eu vou dar parte da filha de Sr. Atanásio”. “O que foi que ela te fez?” [perguntou a mãe], “ não tá vendo o sangue correndo não?” [respondeu chico]. “Alguma coisa tu tentasse a fazer pra ela lhe fazer isso. Tu vai dar parte da moça aí a moça conta o que tu fez” [disse a mãe]. “pois então vou embora pra Goianinha pra não ver mais aquela égua” [disse chico]. Aí foi-se embora pra Goianinha e por lá morreu. (M. SALUSTINO, 2009).

Assim, D.Militana conclui seu relato destacando que Chico, após a advertência da mãe, foi embora da cidade para não ver mais sua cara. Esse curioso depoimento abre brechas para muitas interpretações e, mais do que um relato de dor e violência, o episódio é contado por Militana como uma memória de coragem, bravura e heroísmo. Embora se trate de um episódio da vida pessoal da romanceira a narrativa assume um tom épico, quase romanesco. Partindo desse ponto é possível estabelecer conexões diretas entre a atitude de D.Militana e as histórias narradas nos romances ibéricos, visto elas possuem os valores de honra e coragem como elo.

Os romances ibéricos veiculados na Península Ibérica tinham um caráter marcadamente pedagógico e moralizante. Nessas narrativas os valores cavaleirescos de coragem, virtude, força, honra e fé imperavam. Tais valores eram transmitidos de modo a educar socialmente os indivíduos daquele contexto. Narrativas focadas em heróis que lutam de forma épica para defender a honra de donzelas eram constantes, bem como a presença de heroínas fortes e corajosas que enfrentam de cabeça erguida os desafios de seu trágico destino. Vale a pena se atentar mais detalhadamente a alguns desses romances. A guisa de ilustração, será apresentado o *Romance de Serranilha*, romance palaciano extraído das coletas de Gurgel. O romance de Serranilha narra o esforço de uma Rainha e sua filha para se

livrarem do Rei tirano que estaria perseguindo a própria filha após ela completar quinze anos. D. Militana descreve o romance da seguinte maneira:

A história é porque a mãe dela morreu, a mãe do rei morreu e ela ficou com quatro meses. Com quinze anos da mãe dela morta aí o rei começou a perseguir ela. Aí ela foi, queixou-se às damas, aí tava chorando. Quando deu fé, aquela mulher chegou, quando ela não conhecia a mãe dela. Aquela mulher chegou, disse: "De que chora, Serrana?" Aí ela contou pra ela. Ela diz: "Me dá seu traje e pega os meus". Aí ela foi pra cozinha e a mãe dela pegou o traje dela e foi esperar pelo rei. Aí, quando o rei chegou, disse: "Se soubesse que ela honra não tinha, ele tinha mandado fuzilar ela. Ela foi e respondeu pra ele: "Como é que honra podia ter, quem três filhos pariria?". Aí ele foi e afastou-se, aí pulou de cima da varanda, torou o pescoço e os diabos levaram ele. E por onde iam arrastando ele, o capim ia ficando preto. (M.SALUSTINO. 1991).

A Rainha, que supostamente estaria morta, na verdade havia fugido das garras do marido e deixado a filha para ser criada por ele. Porém, a Rainha seguia escondida no castelo zelando de longe pela jovem princesa. Ao perceber que a filha estava sofrendo com os assédios do Rei, a Rainha ressurgiu publicamente em um ato de coragem e desmascarou as violências do marido para libertar a filha. Os versos são cantados da seguinte forma:

*Oh, minha filha Serrana,  
de que choras, minha filha?  
— É o meu pai, minha mãe,  
que o crime cometia.*

*— Pega meu traje, Serrana  
e vai pra cozinha.  
Me dá teu traje, Serrana,  
que eu vou pra camarinha.*

*— Se eu soubesse, Serrana,  
que tu honra não tinha,  
com dores de atirania  
mandava te fuzilar.*

*— Cuma é que honra pode ter  
quem três filhos pariria:  
primeiro, foi rei D. Jorge,  
segundo, reis de Caxias,  
derradeiro foi Serrana,  
quem o crime cometia.*

*(Versão registrada por Deífilo Gurgel, em 1991)*

O ímpeto de coragem que D. Militana narra no episódio em que livrou sua irmã das garras do estuprador é o mesmo ímpeto de coragem presente no relato da Rainha que enfrenta o Rei para salvar a filha. Em ambos os casos são narrados com pompa épica a história das duas mulheres corajosas, a Rainha e D. Militana, que enfrentam homens sem caráter, o Rei e Chico, para proteger jovens indefesas, a Princesa Serrana e a irmã de D. Militana. Ao cruzar as narrativas é possível perceber como o ímpeto de coragem lembrado por D. Militana em seu episódio pessoal está, mesmo que inconscientemente, associado aos valores presentes nos romances que ela versou ao longo da vida. Essa relação é evidenciada justamente na forma épica com que D. Militana relata o episódio de sua irmã, destacando sempre sua coragem de ação em prol da honra, tal como a da Rainha, a fragilidade da irmã, tal como a da princesa, e crueldade e violência de Chico, tal como a do Rei.

Desse modo, partindo de tal exemplo, é possível perceber como os romances narrados por D. Militana estão diretamente vinculados à sua trajetória de vida. Ou seja, eles não apenas um recurso útil à sua experiência de trabalho. Eles são muito mais que isso, são complementos que refletem a sua própria trajetória. Tais romances se mesclam com suas próprias vivências e, talvez por isso, mais do que por qualquer outro motivo, seja tão importante para ela versá-los. Por fim, fica a questão: seriam os romances que imitam a vida, ou a vida que imita os romances dentro do repertório imagético de D. Militana?

### **3.3. Uma vida traçada em versos: o letramento oral de D. Militana**

Tendo explorado as várias funções do romance ibérico na trajetória de trovadora, cabe agora destacar um último ponto: a autoria de D. Militana nesses relatos. Porém, para isso, é necessário discutir de forma mais direta aquilo se entende por história oral, uma vez que tais romances são assimilados e transmitidos oralmente ao longo do tempo e em variados espaços. As versões narradas por D. Militana não são iguais às narradas por outros trovadores da Península Ibérica, assim como romances da Península Ibérica de hoje não são iguais do período medieval. A palavra oral está em constante movimento, transformando-se de acordo com os interesses dos sujeitos e os respectivos contextos onde se inserem.

A oralidade teve importância central na vida de D. Militana, uma vez que ela não teve acesso à educação formal ou letramento escrito. D. Militana é uma

mulher que constituiu sua vida ao redor da palavra e, por meio dela, atuou em prol da manutenção dos saberes de sua família e comunidade. Como pesquisadora Lílian de Oliveira Rodrigues<sup>27</sup>, D. Militana conversou sobre não ter tido acesso ao letramento formal:

Aí veio um homem muito grosso e perguntou: a senhora sabe ler? Eu disse: num sei não. O meu livro era a terra, a enxada era... o meu caderno era a terra, o cabo da enxada era o lápis e o ferro de cova era a pena. Aí ele perguntou: a senhora não saber ler não? sei não senhor, num tive esse tempo. Acordava logo cedo e só ia dormir depois da meia-noite, só trabalhando. Talvez eu fosse outra. Saí de casa com 20 anos. E diz aí o que quando eu me casei com 20 anos, o que foi que levei de casa? Meu vestido, uma rede emendada e um pedaço de pano remendado que me cobria com ele. Trabalhava direto lá. A mão era aquela carreira de calo... Se soubesse ler... já disse muito isso na vida! (M. SALUSTINO, 2006)

Partindo desse depoimento é possível perceber que D. Militana se recente por não ter tido acesso à escrita ao longo de sua vida. Como ela mesmo destaca, viveu para o trabalho, mas foi justamente no trabalho que descobriu o valioso tesouro que constitui seu repertório. É necessário desconstruir a ideia de que pessoas sem acesso à educação informal são pessoas iletradas. D. Militana possui seu próprio tipo de letramento, um letramento pautado na palavra oral e no discurso narrado. Seus versos são uma forma de letramento válida como qualquer outra e possuem inegável relevância dentro de seu contexto histórico social. Graças aos seus versos hoje é possível a realização de trabalhos como este que buscam, para além das fontes tradicionais, compreender aspectos cotidianos da vida de homens e mulheres comuns.

---

<sup>27</sup> RODRIGUES, Lílian Oliveira. *A voz e conto: de Militana a Maria José, uma história de vida*. 2006. 289 f. Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, área de concentração em Literatura e Cultura, da Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2006.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

No primeiro capítulo deste trabalho foi realizada uma revisão pautada em compreender como o romance ibérico foi interpretado por outros pesquisadores nas últimas décadas, principalmente pelos folcloristas. Os folcloristas fizeram um importante trabalho de coleta dos romances, porém elaboraram interpretações equivocadas sobre o material coletado, ignorando a agência de figuras como D.Militana na manutenção desses relatos enquanto discurso vivo e em constante transformação. As narrativas versadas por D.Militana, mais do que romance ibéricos, são romances brasileiros, fruto do intercâmbio entre culturas distintas e variáveis no tempo e no espaço. Para além dos folcloristas, também foram apresentados outros trabalhos mais recentes que contribuíram para o advento de um novo olhar sobre o romanceiro no Brasil.

Ao apresentar o debate sobre os usos de trajetória de vida no campo historiográfico, tal como foi feito no segundo capítulo, esta pesquisa buscou explorar os meandros sinuosos que envolvem as biografias, autobiografias e histórias de vida. Tendo em vista que trajetórias de vida são sempre lacunares e parciais, narrar uma trajetória não é tarefa fácil. Por isso optou-se por apresentar apenas pontos específicos da trajetória de vida de D.Militana, de modo a fugir da noção de história de vida linear e progressiva tão criticada por Bourdieu. Tais pontos específicos dessa trajetória foram intercalados ao longo do terceiro capítulo com as hipóteses que orientaram esta pesquisa. A primeira hipótese, do uso dos romances enquanto mecanismo útil a experiência laboral, pôde ser testada a partir de uma análise do contexto histórico social no qual D.Militana estava inserida. Já a segunda hipótese, a da autoria e influência da trovadora sobre os relatos versados, pôde ser testada a partir do cruzamento dos depoimentos de sua vida pessoal com os enredos de romances como *Serranilha*.

Desse modo, o presente estudo espera ter logrado destacar a importância da trajetória de vida de D. Militana e de seu repertório para a compreensão de questões pertinentes aos campos da História Social do Trabalho e da Cultura. D. Militana é apenas uma entre inúmeros indivíduos comuns, ignorados pelos registros oficiais, mas que guardam saberes valiosos à construção do conhecimento histórico. Tendo

em conta inúmeras limitações, não foi possível traçar aqui uma biografia completa da trajetória de vida de D.Militana, mas espera-se que, partindo do material apresentado, tenha sido possível compreender a importância dessa emblemática figura para se pensar tanto aspectos coletivos, referentes a sua superfície social, quanto aos aspectos individuais, referentes à suas próprias experiências. Assim, espera-se que esta pesquisa possa agregar positivamente ao conjunto de estudos historiográficos que analisa e interpreta as experiências cotidianas de indivíduos historicamente deixados à margem da história.

## BIBLIOGRAFIA:

ALBERTI, V. *Manual de história oral*. 2. ed. revisada e atualizada. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

ÀRIES, Philippe. *História Social da Criança e da Família*. Rio de Janeiro, Ed.Guanabara, 1986.

CRUZ, Thiago Conceição. *Ganhadeiras de Itapuã: as formas de dizer de si*. 2009. 46 f. Monografia de Graduação apresentada à Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2009.

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. 4. ed. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

BARROS, José D'Assunção. *História Comparada*. Petrópolis: Editora Vozes, 2014.

BOURDIEU, P. L'illusion biographique. Actes de la Recherche en Sciences Sociales, Paris, n. 62/63, juin 1986.

BOUZA ÁLVAREZ, Fernando. *Corre manuscrito: Una historia cultural del Siglo de Oro*. Madrid: Marcial Pons, 2001.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Dicionário do Folclore Brasileiro*. 11. ed. ilustrada. São Paulo: Global, 2002.

DAVIS, Natalie Zemon. "Las formas de la historia social". *Historia Social*, n.10, 1991, p.177-182.

FERREIRA, M. M.; AMADO, J. (Org.). *Usos e Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

GURGEL, Deífilo. *Romanceiro de Alcaçuz*. Natal: UFRN/PROEX/Cooperativa Cultural. Ed. Universitária, 1992.

\_\_\_\_\_. *Romanceiro Potiguar*. Natal: Fundação José Augusto, 2012.

LEVI, G. Usos da biografia. In: FERREIRA, M. de M. & AMADO, J. (orgs.). *Usos e Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996.

MEDEIROS, A.; LOPES, E. *Música, Memória e Cultura: os romances medievais ibéricos na voz das rendeiras de Alcaçuz*. UFG. Goiânia, v. 19, 1-19, e-57154, 2019.

PEREIRA, Lígia Maria Leite. *Algumas reflexões sobre histórias de vida, biografias e autobiografias*. In: "História Oral e as tramas da subjetividade, 2000, p. 117-27

RODRIGUES, Lilian Oliveira. *A voz e conto: de Militana a Maria José, uma história de vida*. 2006. 289 f. Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, área de concentração em Literatura e Cultura, da Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2006.

SANTOS, Edilberto Cleuton dos. *Uma história de vida e uma vida de histórias: memória e oralidade no Romanceiro de Dona Militana*. 2009. 124 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada; Literatura Comparada) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2009.

THOMPSON, E.P. *Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.